

CONSELHO CIENTÍFICO-PEDAGÓGICO DA FORMAÇÃO CONTÍNUA

APRESENTAÇÃO DE ACÇÃO DE FORMAÇÃO NAS MODALIDADES DE ESTÁGIO, PROJECTO, OFICINA DE FORMAÇÃO E CÍRCULO DE ESTUDOS

Formulário de preenchimento obrigatório, a anexar à ficha modelo ACC₂

An₂-B

Nº _____

1. DESIGNAÇÃO DA ACÇÃO DE FORMAÇÃO

AUTOAVALIAÇÃO DA ESCOLA E MONITORIZAÇÃO

2. RAZÕES JUSTIFICATIVAS DA ACÇÃO: PROBLEMAS/NECESSIDADES DE FORMAÇÃO IDENTIFICADOS

O Programa de formação MELHOR ESCOLA MAIS SUCESSO ESCOLAR enquadra-se nas ações do *Observatório de Escolas do Sul* e visa dar resposta às necessidades de formação de professores e de acompanhamento das escolas/agrupamentos em diversas áreas, designadamente no âmbito de programas do Ministério da Educação, atualmente em curso, como o Programa de Avaliação Externa de Escolas, o Programa Territórios Educativos de Intervenção Prioritária e o Programa Nacional de Promoção do Sucesso Escolar. Ele surge como uma oportunidade de a Universidade de Évora (através do Centro de Investigação em Educação e Psicologia – CIEP) reafirmar a sua posição no campo da formação e qualificação docente, sendo sua ambição oferecer um programa de formação diversificado e abrangente, que cubra as necessidades de formação identificadas pelas Escolas/Agrupamentos I.

No campo da Formação Contínua de Professores, surge identificada a necessidade de formação na área da avaliação organizacional, já que, ao longo dos últimos anos, temos assistido a uma procura, promoção e incentivo da escola de qualidade. É precisamente com o objetivo de alcançar a qualidade que a escola se tem visto impelida a aderir a uma cultura de avaliação que permita a prestação de contas (decorrente da maior responsabilidade inerente à crescente autonomia) e a capacite para a condução de alunos e estudantes na senda de aprendizagens capazes de proporcionar soluções adequadas e criativas, que permitam responder aos desafios da sociedade global e em constante mudança. Uma escola aprendente e curricularmente inteligente deve ser capaz de construir o seu próprio dispositivo de autoavaliação, o que exige a capacitação dos diversos atores escolares na construção de um referencial avaliativo que permita detetar e compreender os problemas, explicitar os resultados, apoiar a tomada das decisões que sejam promotoras da melhoria da escola e sustentar a avaliação externa.

3. DESTINATÁRIOS DA ACÇÃO

3.1. Equipa que propõe (caso dos Projectos e Círculos de Estudo) (Art. 12º - 3 RJFCP) (Art. 33º c) RJFCP)

3.1.1. Número de Proponentes: 4

3.1.2. Escola(s) a que pertence(m):

Universidade de Évora, Agrupamento de Escolas n.º 2 de Évora, Escola Secundária Poeta Al Berto – Sines e Agrupamento de Escolas de Castro Verde

3.1.3. Ciclos/Grupos de docência a que pertencem os proponentes:

Departamento de Pedagogia e Educação, 300 – Português, 430 – Economia e contabilidade e 500 - Matemática

3.2. Destinatários da modalidade: (caso de Estágio ou Oficina de Formação)

Docentes de todos os grupos de recrutamento, da Educação Pré-escolar e dos Ensinos Básico e Secundário.

Os dados recolhidos são processados automaticamente, destinando-se à gestão automática de certificados e envio de correspondência. O preenchimento dos campos é obrigatório pelo que a falta ou inexactidão das respostas implica o arquivamento do processo. Os interessados poderão aceder à informação que lhes diga respeito, presencialmente ou por solicitação escrita ao CCPFC, nos termos dos artigos 27º e 28º da lei nº 10/91 de 19 de Fevereiro. Entidade responsável pela gestão da informação: CCPFC – Rua Nossa Senhora do Leite, nº 7 – 3º - 4700 Braga.

4. EFEITOS A PRODUZIR: MUDANÇAS DE PRÁTICAS, PROCEDIMENTOS OU MATERIAIS DIDÁCTICOS

- Perspetivar a autoavaliação como um processo de promoção da qualidade educativa e de desenvolvimento organizacional;
- Compreender a importância do uso dos resultados da autoavaliação de escola para a mudança e melhoria das práticas;
- Conhecer diferentes modelos de autoavaliação;
- Compreender a relação entre os documentos estruturantes da escola e as dimensões de análise, num processo de autoavaliação;
- Elaborar instrumentos de recolha de informação para reconstruir, de um modo crítico, a realidade escolar necessária à autoavaliação;
- Fomentar a reflexão sobre como apresentar os resultados da autoavaliação;
- Capacitar os atores para utilizarem os dados da autoavaliação de escola e da sua avaliação externa na construção coletiva de um plano de melhoria.
- Construir referenciais de autoavaliação de escola contextualizados;
- Promover o envolvimento dos diferentes atores da comunidade educativa nos procedimentos de autoavaliação de escola;

5. CONTEÚDOS DA ACÇÃO (Práticas Pedagógicas e Didácticas em exclusivo, quando a acção de formação decorre na modalidade de Estágio ou Oficina de Formação)

1. Desafios da escola atual, numa sociedade global e em constante mudança.
2. A perspetiva da escola aprendente. O papel da avaliação de escola numa escola aprendente. A auto-avaliação de escola: um meio de aprendizagem da escola.
3. Percursos da avaliação de escola em Portugal: Projetos, Programas de avaliação de escola. Enquadramento normativo.
4. Referencialização: Concepções de avaliação. A referencialização como metodologia de avaliação. Análise do quadro referencial a adotar.
5. Construção de um dispositivo de autoavaliação de escola. Princípios e características a ter em conta, caracterização do contexto interno e externo da escola, definição de áreas a avaliar, construção de quadros referenciais de diferentes áreas da organização, construção de instrumentos de recolha de informação, elaboração de uma matriz relativa à construção de relatórios dos resultados decorrentes do processo de autoavaliação de escola.
6. Uso dos resultados de autoavaliação em processos de mudança e melhoria: o ciclo de melhoria da escola; a articulação entre os diversos instrumentos de planificação e melhoria da escola; a construção e implementação do plano de melhoria; a coordenação e monitorização dos diversos planos de ação de melhoria da escola; envolvimento dos atores no processo de melhoria, a divulgação dos resultados da melhoria.

6. METODOLOGIA DE REALIZAÇÃO DA ACÇÃO

6.1. Passos metodológicos

Na dimensão presencial conjunta, proceder-se-á à abordagem dos conteúdos identificados, à análise e discussão de textos e de documentos oficiais selecionados e à análise, discussão e reflexão sobre os materiais produzidos.

Na dimensão de trabalho autónomo, decorrerá a intervenção no terreno através da aplicação dos materiais produzidos e das estratégias definidas. Cada grupo de formandos, representantes de uma equipa de escola, elaborará um portefólio de investigação (que poderá incluir, por exemplo, legislação fundamental, textos académicos selecionados, instrumentos de organização de informação sobre o contexto interno e externo, quadros referenciais relativos às áreas avaliadas e/ou a avaliar na escola, instrumentos de recolha de informação produzidos e/ou utilizados, instrumentos de divulgação do dispositivo de autoavaliação de escola, uma sugestão de matriz de um relatório de autoavaliação; uma sugestão de matriz do plano de melhoria da escola ou os planos de melhoria produzidos face aos dados da autoavaliação e da avaliação externa da escola).

6.2. Calendarização

6.2.1. Período de realização da acção durante o mesmo ano escolar:

Entre os meses de _____ outubro _____ e _____ julho _____

6.2.2. Número de sessões previstas por mês

--	--

(o n.º de sessões e a duração será negociada entre formador/es e formandos)

6.2.3. Número de horas previstas por cada tipo de sessões:

Sessões presenciais conjuntas

2	5
---	---

Sessões de trabalho autónomo

2	5
---	---

7. APROVAÇÃO DO ÓRGÃO DE GESTÃO E ADMINISTRAÇÃO DA ESCOLA:

(Caso de Modalidade do Projecto) (Art. 7º, 2 RJFCP)

Data: _____ / _____ / _____ Cargo: _____

Assinatura: _____

8. CONSULTOR CIENTÍFICO-PEDAGÓGICO OU ESPECIALISTA NA MATÉRIA (Art. 25º - A, 2 c) RJFCP)

Nome:

(Modalidade de Projecto e Círculo de Estudos) delegação de competências do Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua (Art. 37º f) RJFCP)

SIM

NÃO

Nº de Acreditação do consultor

--	--	--	--	--	--	--	--	--	--

 /

--	--

9. REGIME DE AVALIAÇÃO DOS FORMANDOS

Os formandos apresentarão os trabalhos realizados:

1. A compilação do portefólio de investigação

1.1. Plano de autoavaliação da escola: análise do contexto, as metodologias de investigação desenvolvidas, os instrumentos de investigação concebidos e/ou adaptados.

1.2. O Relatório de Autoavaliação da escola/agrupamento e Plano de Melhoria.

2. Relatório de reflexão crítica de progresso individual.

Os critérios de avaliação a utilizar são: assiduidade; qualidade da participação no contexto dos objetivos; qualidade do trabalho individual e/ou em equipa; qualidade do relatório de reflexão crítica de progresso individual.

Para a avaliação final individual de cada professor será usada uma escala quantitativa de 1 a 10 valores: Excelente - de 9 a 10 valores; Muito Bom - de 8 a 8,9 valores; Bom - de 6,5 a 7,9 valores; Regular – de 5 a 6,4 valores; Insuficiente – de 1 a 4,9 valores.

A classificação final constará no certificado, bem como as unidades de crédito para a progressão na carreira docente.

10. FORMA DE AVALIAÇÃO DA ACÇÃO

Preenchimento de um questionário pelos formandos e formador/es, no final da ação, cujos dados serão analisados pela Entidade Formadora.

11. BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

- Alaíz, V. (2007). Autoavaliação das escolas: Há um modelo recomendável? *Correio da Educação*, 301.
- Alaíz, V.; Góis, E., & Gonçalves, C. (2003). *Auto-avaliação de escolas. Pensar e praticar*. Porto: Edições ASA.
- Alves, M. P., & Machado, E. A. (Orgs.) (2008). *Avaliação com sentido(s): Contributos e questionamentos*. Santo Tirso: De Facto Editores.
- Azevedo, J. (2005). *Avaliação das escolas: Fundamental modelos e operacionalizar processos*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação. (policopiado)
- Bolívar, A. (2006). Evaluación institucional: entre el rendimiento de cuentas y la mejora interna. *Revista Gestão em Ação*, 9 (1), 37-60.
- Bolívar, A. (2012). *Melhorar os processos e os resultados educativos. O que nos ensina a investigação*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Bonniol, J. J., & Vial, M. (2001). *Modelos de avaliação: textos fundamentais*. Porto Alegre: Artmed.
- Brandalise, M. A. (2010). *Autoavaliação de escolas: alinhavando sentidos, produzindo significados*. Ponta Grossa: Editora UEPG.
- Clímaco, M. C. (2010). Políticas de avaliação das escolas em Portugal. *Revista Iberoamericana de Evaluación Educativa*, 3 (3), 9-29.
- Coelho, I., Sarrico, C. & Rosa, M. J. (2008). Avaliação de escolas em Portugal: Que futuro? *Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão*, 7 (2), 56-67.
- Correia, A. P. (2016). *A avaliação das escolas: Efeitos da avaliação externa nas dinâmicas de Auto-avaliação da escola*. Tese de Doutoramento. Évora: Universidade de Évora.
- Correia, S. (2011). *Dispositivos de autoavaliação de escola: entre a lógica do controlo e a lógica da regulação* (Tese de Doutoramento, Universidade do Minho, Braga).
- Costa, J. A., & Ventura, A. (2005). Avaliação e desenvolvimento organizacional. *Infância e educação – Investigação e práticas*, 7, 148-161.
- Díaz, A. (2002). *Avaliação da qualidade das escolas*. Porto: Edições ASA.
- Elmore, R. (2010). *Mejorando la escuela desde la sala de clases*. Santiago de Chile: Fundación Chile.
- Estrela, A., & Nóvoa, A. (1999). *Avaliação em educação: Novas perspetivas*. Porto: Porto Editora.
- Fernandes, D. (2011). Avaliação de programas e projetos educacionais: Das questões teóricas às questões das práticas. In D. Fernandes (Org.). *Avaliação em educação: Olhares sobre uma prática social incontornável* (pp. 185-208). Pinhais: Editora Melo.
- Figari, G. (1996). *Avaliar: Que referencial?* Porto: Porto Editora.
- Fullan, M., & Hargreaves, A. (2000). *A escola como uma organização aprendente: Buscando uma educação de qualidade*. Porto Alegre: Artmed
- Góis, E., & Gonçalves, C. (2005). *Melhorar as escolas: Práticas eficazes*. Porto: Edições ASA
- Gomes, S. (2015). *Autoavaliação em escolas do Alentejo: Constrangimentos e oportunidades*. Tese de Doutoramento. Évora: Universidade de Évora.
- Leite, C. (2003). *Para uma escola curricularmente inteligente*. Porto: Edições ASA.
- Leite, C., Rodrigues, L., & Fernandes, P. (2006). A autoavaliação das escolas e a melhoria da qualidade da educação – um olhar reflexivo a partir de uma situação. *Revista Estudos Curriculares*, 4 (1), 21-45.

- Macbeath, J. (2004). Putting the self back into self-evaluation. *Improving Schools*, 7 (1), 87-91.
- Macbeath, J., Schratz, M., Meuret, D. & Jakobsen, L. B. (2005). *A História de Serena – Viajando rumo a uma escola melhor*. Porto: Edições ASA.
- Machado, E. A. (2013). *Avaliar é ser sujeito ou sujeitar-se? Elementos para uma genealogia da avaliação*. Mangualde: Edições Pedagogo.
- Mayo, I.C. (2004). *Planes de mejora en los centros educativos*. Málaga: Ediciones Aljibe.
- Meuret, D. (2002). O papel da autoavaliação dos estabelecimentos de ensino na regulação dos sistemas educativos. In J. Costa, A. N. Mendes & A. Ventura (Orgs.). *Avaliação de organizações educativas* (pp. 39-50). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Nevo, D. (1997). *Evaluacion basada en el centro: Un diálogo para la mejora educativa*. Bilbao: Ediciones Mensajero.
- Palma, B. (1999). *Perfil de auto-avaliação de uma escola. Contributos para seu processo de elaboração*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Rocha, A. (1999). *Avaliação de escolas*. Porto: Edições ASA.
- Scheerrens, J. (2004). *Melhorar a eficácia das escolas*. Porto: Edições ASA.
- Silvestre, M. J. (2013). *Avaliação das escolas. Avaliação nas escolas*. Tese de Doutoramento. Évora: Universidade de Évora.

Data ____ / ____ / ____

Assinatura _____